



Teatro & Dança



“Estás na paisagem? És a paisagem? Estás a lamentar o que o ser humano fez a essa paisagem?” pergunta Olga Roriz

PAULO PIMENTA

Entre nós e a Terra

A dança que nos salva, segundo Olga Roriz na estreia de “Autópsia”

TEXTO CLAUDIA GALHÓS

No início, os seis bailarinos formam uma massa de corpos deitados de costas no chão, uns sobre os outros, e as mãos direitas a tapar os olhos. Em vídeo, veem-se os contornos de um rosto humano sob argila, e mãos que o moldam. Quando começam o movimento, em grupo, ao vivo, vemos e escutamos pó e pequenos pedaços de terra que se desprendem da roupa. Esses sons são acompanhados por uma partitura de estremecimentos e impulsos audíveis, e um cântico de chamamento de animais. É assim que começa “Autópsia”, a nova criação de Olga Roriz, obra que antecipa a chegada dos 25 anos da COR — Companhia Olga Roriz, que se celebra em 2020, e em que uma das atividades previstas é a peça “Seis Meses Depois” (a estreiar no Teatro D. Maria II), que forma um díptico com “Autópsia”, em que a coreógrafa vai partir das mesmas questões que pesquisa agora.

“Autópsia” é uma peça de puro movimento. Olga quis “elevar a dança a algo realmente extraordinário, que nos salva. Temos este corpo tão rico. Só quis preocupar-me com isso.” Na amplitude do que contém um tal corpo, cabe todo o mundo. “Autópsia” começou, segundo Olga, como “uma visão interior, uma visão para dentro”. O processo de criação durou quatro meses e, tal como é característico da sua metodologia, entram inspirações de documentários que viu, de livros que leu... Um exemplo que dá é o ensaio filosófico “Nova Teoria do Mal”, de Miguel Real. “Comecei a ponderar se aquilo me ia interessar para o espetáculo, porque é uma visão da maldade mas por via dos males do mundo, a fome, a doença...” Todo o caminho percorrido com os seis bailarinos — André de Campos, Beatriz Dias, Bruno Alves, Catarina Câmara, Marta Lobato Faria e Yonel Serrano

— foi filmado e vai dar origem a um documentário de Henrique Pina. “É um bom exemplo do meu processo de criação”, diz Olga.

“Autópsia” vai da origem do homem à origem do universo, vai da mínima escala íntima da biografia, também física, de uma pessoa — cada um dos seis bailarinos — e a escala planetária, vai do passado ao futuro condensado num presente turbulento. No centro da peça está uma sucessão de seis solos. Olga colocou muitas questões aos bailarinos, como: “Onde se colocam em relação a este planeta, nesta problemática da constante mutação que vivemos?” Os solos põem em perspetiva a escala humana. “Somos realmente muito pequeninos, muito impotentes.” Cada bailarino dança acompanhado da projeção de uma paisagem escolhida entre os lugares mais extraordinários do planeta Terra apresentados no documentário “One Strange Rock” da National Geographic, que também marcou o processo criativo. Um deles é o das ruínas fantasmáticas das ilhas Hashima, de Nagasáqui (Japão), que acompanha a dança de Beatriz Dias. A cada um, Olga foi perguntando: “Estás na paisagem? És a paisagem? És alguém que existiu ou que ainda vai existir na paisagem? Estás a lamentar o que o ser humano fez a essa paisagem?” Nesta “Autópsia”, a morte não é mera consequência lógica da vida. Parece mais um lugar de passagem, tal como o movimento do corpo de um bailarino, do mesmo modo que se dilui a ideia de separação entre homem e natureza. “Chego à origem do planeta, à origem da gotinha de oxigénio, à origem do ser humano. É aí que tudo se começa a juntar, entre o que é esta Terra e o que são estes seres humanos que estão aqui? Obviamente, aparece o aquecimento global, o consumo, a poluição...” O modo não evidente como os materiais, as ideias e as imagens se articulam é da mesma ordem desta dramaturgia que começa numa dança de morte, de grupo, potente, e parece diluir-se na sequência de solos, até voltarem a dançar juntos no final. A aparente separação diz da força do grupo. “Eles não se tocam, eles não se olham, mas há ali uma cumplicidade muito grande. Não é só uma energia conjunta. É mais do que gente que dança ao mesmo tempo.” É talvez essa a dança que nos salva. ●

AUTÓPSIA

De Olga Roriz

Teatro São Luiz, Lisboa, hoje, amanhã e domingo